



Jongo estréia em Campo Grande

Estudante de educação física cria grupo da dança de origem africana precursora do samba

Por Vivian Rangel
vivian.rangel.pernambuco@nglobo.com.br

• Batida de tambor, saíotes rodados e cantos ritmados que saúdam a prosperidade da colheita são elementos básicos para uma boa roda de jongo. Precursora do samba, a dança africana quase sempre associada, em terras cariocas, à comunidade da Serrinha, em Madureira, acaba de ganhar novos adeptos em Campo Grande. Um grupo foi criado no bairro pela estudante de educação física Carla Gomes, que descobriu a dança em aulas de capoeira e começou a convocar os amigos.

— O primeiro desafio foi recuperar essa parte da História brasileira, de origem negra, que é quase desconhecida. Ainda há muita gente que nunca ouviu falar em jongo ou que associa a dança à religião — conta Carla.

O primeiro passo foi visitar universidades e bibliotecas, além de fazer buscas na internet para descobrir a origem do jongo, suas características e também as letras das músicas. Marcada pela batida de tambores, a dança tem ori-



Fotos de Berg Silva

■ O GRUPO, com dez integrantes, é liderado pela estudante de educação física Carla (no centro, de tranças)

to e era praticada para celebrar o sucesso das colheitas, sobretudo nos cafezais. Carla conta que a dança de roda, consolidada no Brasil no Vale do Paraíba, foi trazida ao país por negros de Angola.

— Assim que terminei a pesquisa inicial, imprimi as informações em dois mil folhetos, distribuí a comerciantes de Campo Grande, e, com a ajuda deles, fiz as roupas. O grupo começa com dez pessoas de perfis diferentes, mas a minha expectativa é que

sados em estudar o jongo. Dos 8 aos 80 anos — diz a estudante.

Entre os praticantes está a dupla de professores de dança de salão Paulo Cezar, de 33 anos, e Adriana Gonçalves, de 26. E ainda a aposentada Sandra Pereira, de 54, e a museóloga Itana Gomes, de 36. Os ensaios são realizados no Centro Cultural Espaço da Arte, que apoia os dançarinos, entre uma e outra atividade. Lá são realizadas também oficinas de



Batuque e canto pela cultura

Companhia de dança de Campo Grande comemora 11 anos com oficinas e shows na Areninha Carioca, em Bangu

Nathália Marsal
nathalia.marsal@extra.int.br

Com tambores e muita cantoria, hoje é dia de comemorar os 11 anos da Companhia Banto, na Areninha Carioca Hermeto Pascoal, em Bangu, a partir das 13h. O grupo de Campo Grande, fundado por Carla Gomes, de 37, pesquisa as diversas manifestações populares, dentre elas, o jongo — a dança africana precursora do samba — e a capoeira.

Durante o Quilombo dos Bantos, o público poderá conhecer um pouco mais da cultura e contribuir para que a companhia continue funcionando. Em troca dos R\$ 15 pagos na entrada, serão oferecidos oficinas de maculelê, jongo, tranças e turbantes; rodas de capoeira e samba; além do tradicional feijão amigo.

O grupo, que trabalha de forma itinerante — ou seja, não tem uma sede — já se apresentou com Zezé Motta, Arlindo Cruz, Dona Ivone Lara, entre outros bambas, e tem um trabalho importante na comunidade da Carobinha, em Campo Grande: o Espaço Cultural Cia. Lá, são oferecidas aulas de reforço, capoeira, jongo e samba para aproximadamente 40 crianças.

— A maior parte da população que mora na comunidade é de negro, e, às ve-

zes, desvaloriza a própria cultura. O funk prevalece. Queremos dar um pouco mais de conhecimento geral. Temos boi, jongo, samba... Quero que eles entendam sua história, trabalhem e tenham opções para a vida — explica Carla, que também é professora de História e começou a ter interesse pela área em um projeto social.

A Areninha fica localizada na Praça Primeiro de Maio, sem número, em Bangu. :



Tambor faz parte do show

«As crianças passam a ter orgulho de usar uma saia e um turbante»

Carla
Fundadora da Companhia Banto



Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

00, 5 DE AGOSTO DE 2017 ANO XXII - Nº 30679



